

COMENTARIOS REALES: UM TECIDO DE FRONTEIRAS

Érica Thereza Farias Abrêu

Universidade Federal de Pernambuco/Universidade Estadual de Alagoas ericafariasabreu@uol.com.br

Resumo: Durante o período colonial na América Latina os embates entre oralidade e escrita, voz e silêncio, latim/castelhano e línguas nativas revelam as nuances de um “encontro” conflitante que resultou em deslocamentos e reorganização de imaginários. A literatura peruana, como parte desse sistema literário, indica-nos os caminhos de como as manifestações artísticas podem recriar e reordenar o real. Sob o recorte dos Comentários Reales procuramos nessa pesquisa analisar como é erguida a obra e que estratégias utiliza o autor para “representar a história” da conquista. É nesta condição que um mestiço, habitante do entrelugar, indivíduo com duplo inventário cultural usa do desejo de contar, como diz Fuentes (1984), para dar letra a voz e para rever a voz das letras. Pupo-Walker (2006) e Polar (2000) situam a obra do Inca Garcilaso como uma das fundadoras do discurso cultural do continente, para analisar tal obra nos valeremos dos estudos de Orlandi (2008) e Mary Pratt (1997) sobre os discursos da colonização, bem como de Chang-Rodríguez, que passa por tal tópico e adentra a questão da formação do autor. Para o trabalho com os pares de análise levantados, será de grande valia para o tema da oralidade-escritura a discussão tecida com Lienhard (1990), Rama (2015) e Mignolo (1996). No tocante a questão das línguas nativas, aportamos as leituras de Cerrón-Palomino (2013) e Miró-Quesada (1948). Para a discussão do par letra-voz, temos as contribuições de Morveli (2008) e Ong (1994). O último duplo — memória-história — será discutido, por meio da leitura de Nora (1993), Halbwachs (2003) e Le Goff (2013).

Palavras-chave: literatura, discurso, cultura.

A América Latina apresenta-se, como aponta Fuentes (1984), com o desejo de dizer tudo, e, por isto, segue, desde o seu passado colonial até a contemporaneidade, com uma forte e singular vitalidade literária. Desde a descoberta a colonização o “desejo de poder e o poder do desejo” afrontam e modelam as vozes e a letras dos personagens do Novo Mundo. A literatura latino-americana, na leitura de Polar (2000), apresenta-se como um composto de subsistemas que representam os diferentes personagens presentes no descoberto quarto mundo.

Surgida no bojo de uma sociedade heterogênea e conflituosa, as suas manifestações artísticas carregam - não como reflexo, mas espaço de recriação e reordenação do real – traços deste meio. A literatura peruana, da mesma forma da de seu continente, estruturou-se em meio a um contexto plural, assim foi traçada por “vários e antagônicos sujeitos sociais, com linguagens, racionalidades e imaginários discordantes” (Idem, p.51), esta é fruto de uma ação intencional da/na linguagem.

Dentro deste amplo cenário, não unitário, mas diverso, é possível encontrar a voz e a letra de um grupo social basilar para a reflexão do sujeito latino-americano e de sua singular produção literária. O mestiço, habitante do *entrelugar*, indivíduo deslocado de passado, com ancestrais duplos e de dois mundos distintos e com formas culturais contrastantes, apresenta a necessidade de escrever sobre sua história.

Neste desejo de contar, de dar letra a voz, o nascido Gómez Suárez Figueroa, conhecido Garcilaso de la Vega, El Inca, procura a voz calada dos vencidos para narrar – com fundamentos no quéchuá e por meio dos relatos de antigos “*testigos*” da conquista – grande parte de sua obra. No entanto, os *Comentarios Reales* (1609) são colocados pelos garcilacistas como a obra máxima deste cuzquenho, tendo sido apresentada ao Velho Mundo no intuito de apresentar o desconhecido cenário americano, apenas ‘mapeado’ pelo olhar dos cronistas da outra parte de mundo, bem como de refazer pelo caminho da releitura-reescritura a história de um novo *locus*.

O livro intitulado de *Historia General del Perú*, foi publicado em duas partes, e nele o autor relata a chegada dos espanhóis, as guerras civis ocorridas entre os Almagro e os Pizarro e a resistência dos índios de Vilcabamba, assim como a execução do último Inca, entremeados por elementos do presente da escrita. A obra central do Inca é baseada na “reescritura” de antigos cronistas – seja para refutação ou engrandecimento – dos mesmos. O trabalho é realizado com o intuito de organizar palavras (línguas) e realidades (imaginários) viventes na tentativa de elaborar, dentro do seu pensamento renascentista, uma “harmonia inexistente” (Polar,2013).

Os *Comentarios Reales* (1609 e 1916) funcionam, dentro da literatura hispano-americana e – numa reorganização dos *corpus* - do novo continente, como um mapa de leituras. Nessa obra o sujeito-leitor converte-se em escritor, portador de caminho duplo, que busca no velho mundo os traços que o reconheceram como representante de uma nova classe – o mestiço – na qual o sujeito é marcado pela fragmentação da condição de migrante. O Inca busca, como anuncia García Marquéz em *Cien años de soledad*, dentro dos labirintos do sangue, elos e origens entre os dois mundos.

A obra do Inca Garcilaso é central na área dos estudos culturais e transatlânticos, como levanta Chang-Rodríguez em *Franqueando Fronteras* (2006), nesse estudo crítico – que não trata especificamente obra magistral do cronista cuzquenho – é lançada a importância das obras anteriores do autor como parte do processo constitutivo de seu labor escriturário, bem como para a elaboração de estilos e estratégias discursivas para a elaboração dos *Comentarios Reales*.

É com sua crônica que o Inca afirma sua identidade dual (CHANG-RODRIGUEZ,2006). Explicitando sua dupla linhagem, por meio de sua narrativa busca ratificar a necessidade e

importância da conquista do Peru, imbuindo de um ar humanista em que tenta promover o equilíbrio e a ordem. Sob a heráldica, que abre a obra mestra de Garcilaso, é representado esse dualismo: o escudo se divide em duas metades, na parte direita podem ser vistos as armas da família paterna e o lema “*con la espada*”; já no lado contrário vemos os ícones do império inca (o sol, a lua, arco-íris e serpentes) sendo envolto pela frase, “*y con la pluma*”. O lema completo, remonta ao poeta toledano homônimo, e os garcilacistas são maioria ao indicar na inscrição o desejo de destacar a sua capacidade guerreira e a de sua genealogia para as letras.

A guerra “silenciosa” das palavras proposta nos *Comentarios* visa matizar as cores da conquista dando outro olhar ao processo colonização, sinalizando como Guamán Poma ou Sór Inez de la Cruz, a tomada da escritura, da marginalidade e/ou centro, para autorizar a sua voz e sua posição de autoridade, por meio das letras, reclamando direitos e espaços deste “novo” grupo social representado por este discurso polêmico.

Ao usar o termo discurso para tratar das letras coloniais Chang- Rodríguez (1991) coloca o termo como preciso, posto que tratamos com “versiones de los hechos ofrecidas por varias voces cuya intersección plantea inquietantes preguntas al organizar los acontecimientos valiéndose del lenguaje y de sus posibilidades retóricas”, a estudiosa direciona-o ainda sobre o par escritor-leitor, já que ao encara a palavra como representante das práticas discursivas, no qual estes assentam-se numa relação “cambiante” e que “transforma, polemiza, contradisse o refleja la distribución del poder de una determinada sociedad”. Além de convencionar a caracterização de “dissidente”, uma vez que ele revela uma nova versão sobre o imposto (pelos cronistas maiores e, por *ende*, da história construída pelo império) e por revelar a tomada de modelos literários estrangeiros. (Idem, p.17).

Com o desejo andino de recuperar a história e reinterpretar a conquista, o texto do mestiço aponta para uma ressignificação do escrito sobre a sua memória e história. O Inca fundamenta sua autoridade por meio de sua genealogia, do conhecimento da língua, da geografia e dos personagens que existiram dentro das cenas retratadas. Deixando-se marcar pela letra, o Inca coloca sua voz e seu olhar sobre o passado. Neste movimento de leitura-pensamento-reescrita, ele move-se no entrelugar de mestiço e migrante para dar a conhecer sua história, ancorado memória (individual/coletiva - como preve Maurice Halbwachs), a partir do presente, em Montilla e depois em Córdoba o Inca Garcilaso vai compor, por meio da memória vivida em grupo a história do incario, na primeira parte da obra e na segunda, por meio das memórias escritas, vai recompor –

como num *contrafactum* – as letras impressas ou manuscritas dos cronistas espanhóis para dar um novo tom a história do processo de colonização.

A letra surge no Novo Mundo como representante simbólico do poder. É por meio da escritura que os europeus tomam a parte desconhecida do *orbi*. Ao menos “duas” sociedades, de naturezas distintas encontram-se, durante o desembarque e o ‘reconhecimento’ deste espaço. Contudo, o processo expansionista do velho mundo é erigido pela representação simbólica da escritura: quando de posse da “*capitulación*” – uma espécie de autorização escrita régia – é elaborada e transportada pelos mares até a América, assim nomeada pós-independência.

Após 1513, o documento que vai reger a entrada dos europeus é o “*requerimiento*”, relata Martin Lienhard (1990) que a leitura deste texto realizava, ideologicamente, a tomada das terras pelos reis e pelo cristianismo. A escrita é tomada, em suas instancias político-religiosas e jurídicas, para promover a constatação da posse dos conquistadores, “simboliza, actualiza o evoca – en el sentido mágico primitivo – la autoridad de los reyes españoles”, “el poder papal” e da “ escritura por excelencia: la biblia” (idem, p.31). Esse “fetichismo da escritura” (termo utilizado por Lienhard para tratar dos efeitos da escrita na América), no caso da empresa espanhola foi favorecido pela organização do estado, que já havia “codificado por y para la escritura” sua língua, fato sabido pela publicação da gramática de língua castelhana, de Antonio Nebrija, no corrente ano da “descoberta” da América, 1492.

Semelhante visão possui Ángel Rama (2015), ao expor que é mediante um ritual impregnado de “magia”, a escritura, que a posse da terra é assegurada pelas “ordenanças” que, por sua vez, “reclamaram a participação de um *script* (em qualquer de suas expressões divergentes: um escrivão, um escrevente ou até um escritor) para a redação de uma *escritura*” (p.26-27), é por meio da inscrição no papel que os discursos sobre o Novo Mundo circulam entre as cidades-colônia e as cidade-metrópole, e edificam dentro das cidades a ‘frondosa burocracia’ que vai manipular – em geral, a conveniência das instituições da metrópole – o exercício da representação simbólica. Foi dentro da estrutura do modelo expansionista no qual a “lei da letra”¹ imperava como extensão das potencias europeias, em especial da espanhola, como indica Echeverría,

“El imperio español estaba regido por la ley y por la ley solo podía ser aprendida, divulgada y obedecida por gente que sabía leer y escribir. Garcilaso escribió, y escribió bien, porque lo alentó a hacerlo el contexto sociopolítico en el que se crió.” (2011, p.104-105)

¹ Ver Roberto González Echevarría, em Mito y Archivo – Una teoría de la narrativa latinoamericana.

Se o que abalizou o “descobrimento” foi a “*capitulación*”, o que norteou a conquista foram os “*requerimentos*”, outros tipos discursivos foram surgindo mediante a necessidade de comunicação e controle do estado espanhol. Mignolo (1996) aponta que durante este período pode-se elencar uma família textual que corresponde a certas “características estructurales, discursivas y pragmáticas” comuns desde “la perspectiva de su producción” (p.58). Contudo estes tipos textuais, podem estar dentro de formações textuais literárias e/ou historioagráficas, ainda que não possuam uma intenção de escritura, mas que na “perspectiva de la recepción, ciertas propiedades o historiográficas o literarias” possam ser consideradas, “a pesar de sus propiedades referenciales”, textos com evidências de caráter literário.

É então que Ángel Rama (2015) traça, a partir do *locus* da cidade, a história cultural da América Latina. A imagem da cidade letrada, espaço simbólico, duplamente elaborado: as cidades eram ordenadas por meio de uma planta/mapa (a exemplo de Lima, que foi “assentada e traçado no papel”) e regida pelas letras, que necessitavam – para manutenção da hierarquia e concentração do poder, e logo da ordem estado – de um “grupo social especializado a qual estes encargos fossem recomendados” e que “imbuída da consciência de exercer um alto ministério”, tal qual uma classe sacerdotal, para ordenar os signos. Dentro desta perspectiva, logo depois dos grupos de evangelizadores (ordens católicas mendicantes), chegam às cidades os educadores (ordem jesuítica) que vai promover a formação voltada para “o exercício das letras”, para aqueles nascidos no além-mar.

“A (escritura) se conferia a alta missão que se reservou sempre aos escrivães: *dar fé*, uma fé que só podia proceder da palavra escrita, que por sua vez iniciou sua esplendorosa carreira imperial no continente. Esta palavra escrita viveria na América Latina como a única válida, em oposição à palavra falada que pertencia ao reino do inseguro e do precário. (...) A escritura possuía rigidez e permanência, um modo autônomo que arremedava a eternidade. Estava livre das vicissitudes e metamorfoses da história e, principalmente, consolidava a ordem por sua capacidade de expressá-la vigorosamente em nível cultural.” (Idem,p.26-27)

Para Ong (1994), que estabelece relações entre escrita e oralidade, as duas apresentam-se como tecnologias específicas da palavra, sendo que a segunda nunca pode prescindir da primeira, assim podemos dizer a que escritura como “un sistema secundario de modelado que depende de un sistema anterior: la lengua hablada.” (p.17-18). É com base nesta tecnologia que as sociedades são organizadas, no caso do processo de encontro – ou desencontro – entre o Velho e o Novo Mundo

gera-se uma coexistência assimétrica entre a oralidade e a escritura, na qual esta acaba por submeter aquela.

Morveli (2008), ao apontar as dinâmicas entre oralidade e escritura nos Andes sinaliza o devir da busca, nas relações sociais, pelo espaço da palavra. Associando este a construção de uma identidade mestiça, que é construída – na visão do estudioso - pela narrativa oral dos *mistis*. Um recorte importante feito pelo autor, é a necessidade de pensar a identidade andina, dentro da sua complexidade, não deixando de tocar no ponto de inclusão de outras identidades linguísticas que saiam do eixo central, composto pelo quéchuá e pelo aymara. Desta forma Morveli, amplia o olhar sobre diversos grupos socioculturais e das redes de comunicação por eles constituídas, sinalizando a existência de grupos intermediários.

A oralidade desde a Idade Média vinha perdendo o espaço de poder para a escrita. Com o início das Grandes Navegações, era esperado que as sociedades que apresentavam domínio da grafia e já com uma tradição escrita levasse o seu “inventário” cultural para as terras conquistadas. Foi assim que durante o processo de conquista e colonização dois tipos de sociedade, com *corpora* distintos, foram aproximados. No entanto, na interface desde contato, a comunicação teve o entrave da língua, apesar de várias crônicas da época relatarem o uso de “*lenguas*” – tradutores entre o castelhano e as línguas nativas, que como vimos eram extensos. O que podemos constatar é que essas duas sociedades comportavam a *oralidade* e a *escrituralidade*, entendidas aqui, na visão de Calvet (2011,p.10), como comunicações realizadas sobre distintas bases, privilegiando a primeira, uma percepção auditiva da “mensagem”, e a segunda, leitura visual.

Ao tratar de sociedades de tradição oral e de tradição escrita, como apresenta Calvet (2011), saímos da perspectiva do ‘fetichismo da escrita’ e passamos a uma visão mais equilibrada sobre os dois tipos de sociedades elencados durante a colonização. Com este olhar passamos a entender que a tecnologia da linguagem foi inserida subitamente na América, e em geral, distinta, como vimos, da língua local (ou das línguas locais, dado a pluralidade do sistema linguístico latino-americano), o que aponta para a nossa “herança” cultural colonial. Utilizando ainda o pensamento do professor tunisiano, podemos colocar que as sociedades de tradição oral possuíam sua *picturalidade* própria, e nela o grafismo é “portador de uma história ou cosmogonia, de determinada análise do mundo, em uma palavra, de uma *ideologia*” (Idem, p.87), basta atentar para as roupas portadas pelo Inca e tecidas, com diversos signos e desenhos, pelas mulheres do sol, em que era retratada a história da dinastia a qual ele pertencia.

Um dos tópicos levantados pelo Inca Garcilaso de la Vega ao escrever a sua crônica é o uso e conhecimento da língua, para isto apoia-se na sua identidade cultural, que como mestiço e representante de um grupo em formação, apresenta-se fluida. Para narrar a “história” e assim tratar da “*relación entera*”, o cronista ancora-se na memória na primeira parte da obra, aponta o uso da memória oral, das conversas com familiares que foram testemunhas da civilização inca. Já na segunda parte do livro, vale-se das crônicas, cujo conteúdo versava sobre a história da conquista.

Há, dentro da narrativa do cusquenho, uma relação entre memória e história, pela qual quer dar a conhecer a primeira pela segunda, sobretudo em *Comentarios Reales*: o domínio do idioma nativo – quéchua, língua do grupo dominante quando da chegada dos espanhóis – vai abalizar e resignificar toda a história. Já que o conhecimento linguístico favorecerá a aproximação com as filigranas da civilização (como, por exemplo, o conhecimento do *topos*, da comunicação, da religião e da agricultura), esse plano – oculto para os outros cronistas até então – abriram as “linhas” do Novo Mundo, numa nova forma representá-lo: seria não só dito/descrito, mas interpretado/traduzido.

“Las historias compuestas antes de él – venía a decir en el proemio – adolecían de errores y de defectos, eran por lo común compendioasas e escuetas en extremo y participaban de la muy frecuente imperfección de interpretar erroneamente muchas palabras de la lengua general de los incas. Aunque acertaron en lo principal, era menester por ello redactar una historia que aprobechara las relaciones anteriores, pero acompañadolas de comentario y glosas; y que ampliara luego el campo histórico añadiendo muy numerosas y esenciales informaciones olvidadas; y que precisara no solamente el orden cronológico de los sucesos y los contornos de geografía, sino el significado de muchos vocablos de la tierra.” (MIRÓ-QUESADA: 1948, p.166)

Cerrón-Palomino empreende uma análise importante da obra-central do cusquenho, colocando a linguagem como “hermenêutica” para compreensão do “passado” construído no texto. O autor sinaliza como as marcas textuais, ou seja, a estrutura discursiva levantada pelo Inca traça um mapa cultural, no qual o escritor-leitor-ouvinte tece duas perspectivas que “confluían en las dos vertentes, inca e española, en conflictiva y a la vez armoniosa simbiosis” (CERRÓN-PALOMINO:2013, p.29.) O cronista apresenta uma consciência idiomática reflexiva em contraponto a Guaman Poma, como indica Cerrón-Palomino (2013), e é por meio de sua educação formal que consegue autorizar sua letra, dado que ainda na condição de mestiço, teve uma iniciada formação nas letras castelhana e latina.

Ainda em Cuzco o Inca serviu como amanuense do pai e em Córdoba começou o exercício da pluma. É assim que não é somente a condição linguística de falante que o autorizava a tratar da

história do incário em seu apogeu e ocaso, a sua autoridade vem “de todo el conocimiento metralíngüístico que acerca de ella logra fojarse” (Idem, p.35). É por meio dessa voz, que é construído um discurso dissente, em qual o cronista esboça o passado desde o presente da escritura.

“La autoridad lingüística del Inca respeto del quechua resulta patente sobretudo en sus *Comentarios* y solo esporádicamente, por razones de contenido, en su *Historia General del Perú*. (...) Fuera en el dicho anuncio preliminar, en que desliza en algunos aspectos fonológicos y gramatical de la lengua, el resto de sus observaciones lingüísticas se da a propósito de los reparos y enmiedas que el autor formula en relacion con el uso y la interpretación de ciertos términos, muchos de ellos claves para el conocimiento certero de la historia incaica.” (Idem, p.38)

O cronista apropria-se, na leitura de Chang-Rodríguez (1991), da *escritura* com objetivos específicos: “narrar la instancia belica”, “oferecer su propia visión de la sociedad americana” e para “construir una visión de si mismo”. Ainda na visão da autora, o uso do “alfabeto foráneo y el lenguaje impostado devinene armas eficientes esgrimadas desde América” (Idem, p.18). Apesar de usar a escrita como arma, ora para ter a voz representada, ora para dar uma visão de si e do outro que existem e significam dentro da sociedade, o autor empreende uma busca da *identidade* por meio da retomada de memórias.

Para Le Goff (2013), as sociedades sem escrita, como a inca, possuem um tipo específico de memória, a étnica. Nestas a atividade mnemotécnica é realizada constantemente, como nas com escrita. No entanto naquelas existem “especialistas da memória, homens-memória” e que são “a memória da sociedade e que são simultaneamente os depositórios da história objetiva e da história ideológica” (Idem, p.15).

Com esta leitura podemos levantar a hipótese de que Garcilaso elabora o par memória-história como chave de escritura dos *Comentarios*, quer dar uma história e entende, como seus antepassados maternos que a memória esta ligada a dimensão narrativa, por isto trata de escrever por meio de sequência temporal, as notas sobre o reinado inca no Perú. Dando *letra* ao que entende como as “coordenadas” identitárias, para a tessitura de uma memória coletiva, eis que chega a público a primeira parte da obra. Num segundo momento, o cronista utiliza do termo história (ainda que não fosse ele idealizador do título da mesma) para seguir no empreendimento de seu *contrafactum*, quanto a participação de seu pai na batalha de Haurina.

Os *contrafacta* são elementos da música, nos quais há uma alteração na letra, mais há manutenção da melodia, neste caso em geral saindo do profano para o sagrado. Aplicando-se ao texto ao texto do cusquenho, Chang-Rodríguez (2010) sinaliza que a obra do Inca pode ser vista

como um mapa aonde as representações anteriores dos episódios da conquista e colonização são redesenhados pela linha da “coherencia”, apresentado pelo cronista ao escrever, ao promover uma “narración verdadera que cumpla con los requisitos de una narración bien articulada”. O professor argentino desca ainda como cusquenho compreende, em seu texto, a diferenciação entre “tener la relación” (história/fato) e “tener el discurso”, que é deter a posse da escrita (MIGNOLO: 1996, p.89-90).

Se a primeira parte da obra do cusquenho é empreendida pela necessidade uma história, uma “representação do passado”, no qual é o autor de uma “operação intelectual” que “demanda análise e discurso crítico” (NORA:1993, p.9) para que as futuras conheçam a civilização inca, ele inscreve, nas letras a voz do coro mestiço. Na segunda parte, o desejo de dizer é realizado usando da voz (língua) e de uma formação discursiva (crônica) de um outro que agora também constitui o *ego* do escritor, de como a conquista foi ao mesmo tempo necessária para que a idade de ouro se instala seu brilho levando a fé católica ao Novo Mundo e que para o seu grupo, a sociedade mestiça, existisse.

Em residindo em Córdoba Garcilaso rememora o tempo na terra natal, e deixa que deixou latente em sua consciência o trauma da conquista e a destruição do incario. As imagens desse processo são resgatadas pela memória de forma ávida, e esta é alimentada pelas informações trocadas com parentes, amigos e informantes que estavam no Perú. É desta maneira que “superadas as barreiras do presente” que o grupo começa a “se compreender, se entender e confirmar mutuamente as lembranças do passado de vida comum” (HALBWACHS:2003, p.40). É assim que a memória individual é construída: por meio das referências e lembranças² do grupo, sendo portanto “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. É a perspectiva deste olhar, ou seja, do lugar ocupado pelo sujeito desse olhar, que a memória vai ser construída no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (idem, p.55).

“será mejor que se sepa por las propias palabras que los Incas lo cuentan, que no por la de otros autores extraños. Es así que residiendo mi madre en el Cozco, su patria, venían a visitarla casi cada semana los pocos parientes y parientas que de las crueldades y tiranías de Atahualpa (como en su vida contaremos) escaparon; en las cuales visitas, siempre sus más ordinarias pláticas eran tratar el origen de sus reyes, de la majestad dellos, de la grandeza de su imperio, de sus conquistas y hazañas, del gobierno que en paz y en guerra tenían, de las leyes que tan en provecho y favor de sus vasallos ordenaban. En suma, no dejaban cosa de las

² “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 2003: p. 75-6).

prósperas que entre ellos hubiese acaecido que no la trujesen a cuenta.” (LA VEGA, Livro 3, Tomo 1)

É por isto que apesar de invocar a sua memória, Garcilaso é consciente da formação discursiva historiográfica a que se vincula, assim propõe não só evocar o passado, mas também em produzir uma narração ou relato integrando assim a relação memória-história. Ainda que para Nora (1993) “no coração da história trabalhe um criticismo destrutor da memória espontânea. A memória é sempre suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir”, e que “o arsenal do seu próprio trabalho” (a história) fica esvaziado “daquilo que ao nosso ver, os faz lugares de memória”, que é a dimensão vivida, física e afetiva desse local-espço.

Nesta perspectiva, o texto do cronista mestiço pode ser tomado como um monumento a memória, sendo um lugar dela. Desta maneira os lugares da memória simbolizariam o domínio dialético e complexo, sendo “simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos a mais pura experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais alta elaboração” (NORA:1993, p.21). A obra mestra do Inca, sinaliza uma tentativa de desorganização/reorganização tempo-espacial na qual é libera – em suas glosas e ressignificações – as narrações sobre o passado, ou nas palavras de Martín-Barbero (2000, p.145), “inéditas formas de relación con el pasado, o mejor, con los diversos pasados que estamos hechos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALVET, Louis-Jean. Tradição oral e tradição escrita. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CERRÓN-PALOMINO, Rodolfo. Tras las huellas del Inca Garcilaso. El lenguaje como hermenêutica en la comprensión del pasado. Centro de Estudios Antonio Cornejo Polar, Revista de Critica Literaria Hispanoamericana Boston: 2013.
- CHANG-RODRÍGUEZ, Raquel. El discurso disidente: ensayos de literatura colonial peruana. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 1991,
- _____. Flanqueando Fronteras: Garcilaso de la Vega y la Florida del Inca, Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2006.
- _____. Entre la espada y la pluma: El Inca Garcilaso de la Vega y sus Comentarios Reales. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, 2010.
- CORNEJO POLAR, Antonio. “El comienzo de la heterogeneidad en las literaturas andinas: Voz y letra en el “diálogo” de Cajamarca”. In: *Escribir en el aire. Ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas*. Lima: Horizonte, 1994.
- _____. O condor voa: literatura e cultura latino-americanas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- ECHEVERRÍA, Roberto González. Mito y Archivo: una teoría de la narrativa latinoamericana. México: Fondo de Cultura Económica, 2011.
- FUENTES, Carlos. Geografía de la novela. Madrid: Alfaguara, 1984.

- HALBWACKS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2003.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2013.
- LIENHARD, Martín. La voz y su huella. Habana: Ediciones Casa de las Americas, 1990.
- MARY-PRATT, Ojos imperiales: literatura de viajes y transculturación. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2011.
- MARTÍN- BARBERO, Jesus. Dislocaciones del tiempo y nuevas topografías de la memoria. In: Arte Latina. HOLANDA, Heloisa Buarque e RESENDE, Beatriz (org.). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MIRÓ-QUESADA, Aurelio. “Prólogo, Edición y Cronología”. *Comentarios Reales de los Incas*. Venezuela: Ayacucho, 1948.
- MORVELÍ, Jorge Terán. ¿Desde dónde hablar? Dinámicas oralidad-escritura. Lima: Andesbook, 2008.
- MIGNOLO, Walter. Cartas, crônicas y relaciones del descubrimiento y la conquista. In: Historia de la literatura hispanoamericana. Madrid: Catedra, 1992.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acessado em fevereiro de 2017.
- ONG, Walter. Oralidad y escritura: tecnologías de la palabra. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica, 2011.
- ORLANDI, Eni. Terra a vista, discurso do confronto: Velho e Novo Mundo. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.
- RAMA, Ángel. La ciudad letrada. Hanover: Ediciones del Norte. 1-39, 1981.
- VEGA, Garcilaso de la. Comentarios reales de los incas. Caracas: Ayacucho, 1985.